

EXPLOÇÃO CULTURAL

INTERFACES DOS ESTUDOS
(DE LÍNGUA E LINGUAGENS)
EM CONTEXTOS E AMBIENTES
COMPLEXOS

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Profa. Dra. Maria Eugénia Montes Castanho – PUC / Campinas
Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Profa. Dra. María del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi

Denise Silva

Carlos Vinicius da Silva Figueiredo

Mario Cezar Silva Leite

(organizadores)

EXPLOSÃO CULTURAL

INTERFACES DOS ESTUDOS
(DE LÍNGUA E LINGUAGENS)
EM CONTEXTOS E AMBIENTES
COMPLEXOS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Explosão cultural : interfaces dos estudos (de língua e linguagens) em contextos e ambientes complexos / organização Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi...[et al.]. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

Outros organizadores : Denise Silva, Carlos Vinicius da Silva Figueiredo, Mario Cezar Silva Leite.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-634-6

1. Línguas e linguagem I. Torchi, Gicelma da Fonseca Chacarosqui. II. Silva, Denise. III. Figueiredo, Carlos Vinicius da Silva. IV. Leite, Mario Cezar Silva.

22-117910

CDD-407

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e linguagem : Estudo e ensino 407

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

diagramação: DPG Editora

revisão final dos autores

bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 2

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
<i>Marlene Durigan</i>	
APRESENTAÇÃO	9
“NÃO FOI ISSO QUE EU QUIS DIZER”: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO PARLAMENTAR JAIR BOLSONARO SOBRE OS QUILOMBOLAS	15
<i>Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo, Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho, Maria Roseli Castilho Garbossa</i>	
INTERFACES SEMIÓTICAS INTERCULTURAIS DA TRADIÇÃO DO BANHO DE SÃO JOÃO DE CORUMBÁ	33
<i>Cicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi, Mario Cezar Leite</i>	
APLICAÇÃO DA INTERCULTURALIDADE NA INTEGRAÇÃO DE IMIGRANTES VENEZUELANOS NA CIDADE DE DOURADOS-MS	63
<i>Francielle Vascotto Folle, Cesar Augusto Silva da Silva</i>	
O ESTADO DE NEPANTLA POR GLORIA EVANGELINA ANZALDÚA	91
<i>Carlos Vinícius da Silva Figueiredo, Vera Lucia Harabagi Hanna</i>	

PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DA ESCRITA EM UM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO DIFERENCIADA: VIVÊNCIAS DO PROJETO MAGISTÉRIO EXTRATIVISTA TERRA DO MEIO, ALTAMIRA, PARÁ	109
<i>Marcelo Pires Días, Ronaldo Henrique Santana, Raquel Lopes</i>	
USOS DE LINGUAGENS A PARTIR DE GÊNEROS – DESCREVENDO PERCURSOS DA ABAYOMI – NO ENSINO REMOTO – CONTEXTO PANDÊMICO.	133
<i>Daniele Cristina Avelino Feitosa, Adélia Maria Evangelista Azevedo</i>	
CULTURA ESCOLAR: ESPAÇOS, TEMPOS E CURRÍCULO DE UMA “ESCOLA DAS ÁGUAS” DO PANTANAL	153
<i>Rogério Zaim-de-Melo, Marcia Regina do Nascimento Sambugari, Washington Cesar Shoiti Nozu, Mônica de Carvalho Magalhães Kassar</i>	
TRILHAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO REMOTO EM CONTEXTO PANDÊMICO.	171
<i>Lidiane Martins, Adélia Maria Evangelista Azevedo</i>	
OS CASOS MARI FERRER E JOÃO BETO: O PAPEL DAS METANARRATIVAS COMO JUSTIFICATIVA PARA VIOLÊNCIAS.	197
<i>Marlucia Mendes da Rocha, Renata de Melo Gomes</i>	
ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO TRANSDISCIPLINAR PARA O ENSINO DA ÁREA DE LINGUAGENS	219
<i>Ademar Vilhalva, Adriana Sales, Denise Silva</i>	
HISTÓRIA INDÍGENA NO CEARÁ-BR: UM RESGATE DA CULTURA, LÍNGUA E IDENTIDADE	235
<i>Daniel Valério Martins, Ruan Rocha Mesquita, Daiane Oliveira da Silveira</i>	
SOBRE OS ORGANIZADORES E OS AUTORES.	257

PREFÁCIO

Aposentada há quase 13 anos, o convite para prefaciar um livro organizado por alguns de meus alunos (não vou dizer “ex-alunos”, porque seria um contrassenso; nem vou dividir o indivisível em “os”, “as” e “es”, porque sempre preferi reconhecer a identidade na diferença, respeitar as diferenças e defender a equidade) apresentou-se-me como uma adorável e honrosa surpresa.

Aceita (sem titubeios) a proposta, viriam, aliados à honra e ao prazer, os desafios e o peso da responsabilidade... Afinal, eram 11 capítulos, distribuídos em cerca de 200 páginas e com temáticas diversas, bem afinadas com o instigante título da “coletânea”, a sugerir, por um lado, o trabalho dos organizadores na recolha cuidadosa de “produtos” da explosão e, por outro, o efeito de multiplicidade constitutivo da significação da palavra “cultura” e seus correlatos. Primeiras impressões de um “artefato” (no sentido etimológico e nos demais efeitos que a palavra possa suscitar) visto de fora ...

O percurso de leitura – e não pode ser outra a palavra, porque começa no Ceará, passa por espaços diversos de Mato Grosso do Sul, pelo Pará, pela Venezuela, pelo “Nepantla”, e termina (?) em Goiás ou em um espaço insólito – suscitaria, no entanto, outras “impressões”, a começar pela metáfora da explosão, que, para além do figurativo, aguça “o olho do espírito” (se a memória não me falha,

a expressão é de Merleau-Ponty). Desmanche? Ruínas? Dispersão? O movimento para dentro do livro vai mostrar, todavia, que ali tudo são referências do multifacetado mundo real das culturas e de questões sociais que ali se inscrevem. Culturas diversas, sim, mas interseccionadas, porque seus artefatos e práticas são produzidos, mediados, (trans)formados em tradição e, em muitos casos, transculturados, por seres humanos.

Também se integram e se alinham os 11 capítulos, em que tudo é devidamente contextualizado, pondo à mostra, ao mesmo tempo, a singularidade de cada “caso” descrito/analísado, a extensão do conceito de cultura, o equilíbrio entre os temas discutidos (culturas e questões indígenas e étnico-raciais, tradições culturais, o dizer e o dito, exclusão/inclusão de imigrantes, o entrelugar, práticas educativas em contextos diversos, a dicotomia urbano-rural no âmbito do ensino, a pandemia e o ensino remoto, questões de gênero como construção social) – e a unidade da obra. Teria sido aleatória a escolha do número 11? Os que estudam a simbologia dos números responderiam negativamente...

Assim, embora a metáfora sobre a qual se assenta o título seja o ponto de partida, o resultado é um efeito de contiguidade, de estreita e profícua relação entre as partes e entre estas e o todo. É assim que percebo o livro. Agora, caro leitor, o desafio é seu! A obra está à espera de outros olhares e de outros movimentos ou percursos...

Marlene Durigan

Três Lagoas, janeiro de 2022.

APRESENTAÇÃO

Principiando

No princípio era o verbo.

(João 1:1-4)

E podemos dizer, com propriedades: e no princípio eram “signos”. Como é bom sermos pesquisadores de linguagens e termos a bonança de entender que todos os fenômenos do mundo, reais ou não, se configuram por signos. Fica mais fácil ter a responsabilidade de organizar uma coletânea escrita com o título: *Explosão cultural: interfaces dos estudos (de língua e linguagens) em contextos e ambientes complexos*. Ter a compreensão de que os signos estão no lugar de algo e que não são exatamente, ou completamente essa coisa, apenas a substitui ou intenta substituir. De que esses signos são arbitrários e por sua vez, ideológicos. Assim, os sentidos também são sógnicos e, atuam singularmente na mente interpretante. Crer que o processamento dos signos/códigos, e de suas ações sógnicas, ou de sentido, só é possível dentro de um determinado espaço cultural, ou dentro de uma determinada “semiosfera”, faz com que a leitura do mundo seja muito mais ampla.

Desta forma, ler o mundo é recodificar e quando recodificamos, imprimimos neste ato sógnico nossa digital subjetividade, construída

na individualidade e no contexto social. Portanto, fazer história, diacrônica ou sincronicamente é descrever fatos/fenômenos por meio de signos. Fatos esses construídos por sujeitos culturais que ao arquitetá-los também se edificam no processo.

E isso é dialético, ou ao menos deveria ser. Partindo da ideia de que a dialética busca, não interpretar, mas refletir acerca da realidade, e que esse pressuposto é dialógico e nem por isso pacífico. O método dialético nos estimula a revermos o passado à luz do que está ocorrendo no presente e refletirmos sobre qual mundo queremos e a lutarmos pelo, e por quem, acreditamos.

É claro que precisamos evocar a provisoriedade das certezas, caso contrário, a dialética estaria negando a si própria. Mas, ser uma criatura de linguagem faz com que respeitemos as máximas filosóficas, afinal “tudo que é sólido se desmancha no ar”, no entanto, fazemos com que as mesmas dialoguem com a literatura poética niilista: “Confesso: não tenho nenhuma esperança. Os cegos falam de uma saída. Eu, porém, vejo. Quando os erros já foram usados e abusados, senta-se à nossa frente, para nos fazer companhia, o Nada” (Brecht).

Para Borges (1982), a história é um rio interminável que “pasa y queda”, que a tudo conduz no seu movimento eterno. A leitura não é nova, obviamente vem da tradição grega, de Heráclito (citado por Borges). A ideia de que o mundo contemporâneo se constitui pelo fluxo de passagem, de que tudo o que é sólido se dissolve no ar e de que vivemos a constante crise dos referenciais de verdade, herdados pela tradição das luzes, é um traço marcante das poéticas da atualidade que traduzem os movimentos constantes e fragmentados – próprios dos modos de conhecimento estéticos da América Latina – o caráter de incerteza e transitoriedade das coisas, prefiguradas por niilismos, ilogismos, metamorfoses, antipassadismos, despersonalizações, sugestões, fragmentações, figurativismos, oxímoros e metáforas palimpsésticas, que buscam romper a unidade do discurso, dissolvendo os limites espaciais e temporais.

Enfim, nossos escritores/ autores, colegas que corroboram na construção desse volume da obra *Explosão Cultural*, estão sempre à margem do rio de Heráclito, força propulsora de suas pesquisas. Esta obra é a tentativa de lançar-nos nas malhas dessa saudável poética de incertezas, dos interrogantes, do salto no vazio eloquente das verdades colocadas em cheque por pesquisadores que se movem na fronteira, nas ruínas das próprias línguas. Afinal, reflexões são como poéticas, inquietadoras, paradoxais, que têm desconcertado os que se debruçam sobre elas dando-lhes uma sensação de vertigem que somente grandes pensadores e/ou grandes artistas podem provocar e que reflete o arejamento do título *Explosão Cultural*, que é emprestado de um conceito de Iuri Lotman (*Cultura y explosión*, 1999).

Para Lótman, teórico que homenageamos com essa obra, e que esse ano de 2022 completaria 100 anos, “O texto não se apresenta como a realização de uma mensagem em uma só linguagem, mas como um complexo dispositivo que se compõe de vários códigos, capaz de transformar as mensagens recebidas e gerar novas mensagens” (Lotman 2003, *online*). Desta forma, o texto funciona como trama, como rede, como tecido, é gerador de sentidos e inclui um emissor, um receptor e múltiplos sistemas semióticos. É isso que causa o que Lótman vai chamar de “tensão” e que para o autor apesar de dialógico, não é pacífico e sim “explosivo”, ou seja, resistência de forças infligidas por um espaço distinto de sentidos e que gera indeterminação dos mesmos

O valor do diálogo não está nas partes que se intersecciona, mas na transmissão de informação entre as partes que não se interseccionam. (...) quanto mais difícil e mais inadequada a tradução de uma parte não interseccionada do espaço à língua da outra, mais preciosa se torna, nas relações informacionais e sociais, o fato da comunicação paradoxal. (Lotman 1999, p. 17)

A explosão transporta a noção de “transgressão possível”, de procedimento atípico, é o momento em que o sentido tensiona a

previsibilidade, brota na criação de algo que não estava apontado. Desta forma, é na não intersecção, ou na intersecção tensionada que vai nascer o novo, o autêntico, os espaços de criação, como o que acontece com as pesquisas que aqui se colocam nesta obra.

Observa-se assim, que a semiotização, ou a semiose propõe animações e mutações nos princípios que envolve, se concretiza com mais vigor nas fronteiras da “semiosfera” (universo das linguagens) e do mesmo modo nas partes não interseccionadas do modelo de comunicação proposto por Lotman. Por conseguinte, a semiose, ou seja, a ação inteligente do signo, capaz de gerar outro(s) signo(s), igualmente se encontra na base do problema semiótico. Isso impede que a semiótica seja vista por um viés identitário, pois não cabe a ela dizer qual “é” o sentido de algo, mas oferecer uma epistemologia capaz de dar condições para discriminar o espaço de relações que envolvem o devir das linguagens e dos sentidos na cultura. Portanto, pelo viés intersemiótico de leitura que apresentamos em cada capítulo dessa obra e na leitura da composição dos mesmos, apreendemos o cruzamento de aspectos que fundamentam as pesquisas evidenciadas nesse volume, quanto às diferenças e similitudes, motivadas por identidades que se realizam em espaços culturais diversos, através de óticas distintas.

Os capítulos assim se apresentam: Alexandra Figueiredo, Marcelo Filho e Maria Garbossa com o capítulo “‘Não foi isso que eu quis dizer’: uma Análise do Discurso do parlamentar Jair Bolsonaro sobre os quilombolas”, analisam o discurso proferido, no dia 03 de abril de 2017, pelo então deputado federal e pré-candidato à presidência da república, Jair Messias Bolsonaro com o intuito de averiguar se esse é ou não preconceituoso em relação aos quilombolas; Na sequência, o capítulo “Interfaces semióticas interculturais da tradição do Banho de São João de Corumbá” de autoria de Gicelma Chacarosqui e Mario Cezar Leite mostrando os mecanismos semióticos que fazem do Banho de São João de Corumbá Mato Grosso do Sul, uma representação cultural barroca ou neobarroco; Francielle Vascotto Folle e Cesar Augusto da Silva

com o “Aplicação da interculturalidade na integração de imigrantes venezuelanos na cidade de Dourados-MS” discorrem sobre o perfil migratório de venezuelanos em Dourados, observamos a influência da globalização nesse movimento decorrente de uma crise econômica causada pela falência na política venezuelana; o capítulo intitulado “O Estado de Nepantla por Gloria Evangelina Anzaldúa”, de Carlos Figueiredo e Vera Hanna, tece ponderações sobre o projeto intelectual de Glória Anzaldúa, contribuindo para reflexões sobre criatividade, construção da identidade fronteiriça e os desafios de se viver nas sombras; Por sua vez, o capítulo “Processo de apropriação da escrita em um contexto de educação diferenciada: vivências do Projeto Magistério Extrativista Terra do Meio, Altamira, Pará”, de autoria de Marcelo Pires Dias, Ronaldo Henrique Santana e Raquel Lopes apresenta análise de produções textuais de alunos do “Projeto de Formação de Professores Extrativistas da Terra do Meio”, projeto proposto pela Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário de Altamira e Escola de Aplicação – UFPA; Daniele Cristina A. Feitosa e Adélia Maria Evangelista Azevedo discorrem sobre a Pandemia do coronavírus e a suspensão total das aulas presenciais, que ocasionou uma interrupção impactante para toda a comunidade estudantil do mundo, do Brasil e para residentes/ estagiários de Letras – UEMS – Unidade de Jardim-MS no capítulo “Usos de linguagens a partir de gêneros– descrevendo percursos da *Abayomi* – no ensino remoto – contexto pandêmico”; Lidiane Martins e Adélia Maria Evangelista Azevedo são as autoras do capítulo “Trilhas da sequência didática em Língua Portuguesa para o ensino remoto em contexto pandêmico” em que pensam o ensino de Língua Portuguesa e seus inúmeros desafios. para as aulas em contexto de pandemia; Marlúcia Mendes da Rocha e Renata de Melo Gomes no capítulo “Os casos Mari Ferrer e João Beto: o papel das metanarrativas como justificativa para violências” irão analisar o poder disciplinar (Foucault 2005), baseado em “verdades”/ metanarrativas que visam contribuir para a manutenção do *status quo*. Ademar Vilhalva, Adriana Sales e Denise Silva, por sua vez irão refletir sobre a proposta de material didático como objetivo

de apoio aos professores e alunos nas escolas indígenas no que se refere ao ensino transdisciplinar na área de linguagens no capítulo “Elaboração de material didático transdisciplinar para o ensino da área de linguagens”; por fim, com o capítulo “História Indígena no Ceará – BR: um resgate da cultura, língua e identidade” os autores Daniel Valério Martins, Ruan Rocha Mesquita e Daiane Oliveira da Silveira fecham a obra com uma pertinente reflexão sobre conceitos de identidade associando-os às comunidades indígenas do Ceará: Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacê.

A articulação desses aspectos presentes nas pesquisas, que ora vos apresentamos, proporcionou um conjunto integracionista que promoveu a atualização de conhecimentos sobre semiótica, literatura, artes, ensino e estudos culturais, bem como pode levar a renovação de conhecimentos sobre o *corpus* proposto, através de novas ideias e questionamentos. Mergulhemos no rio caudaloso da leitura.

Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi

Denise Silva

Carlos Vinicius da Silva Figueiredo

Mario Cezar Silva Leite

Referências

LOTMANN, Yuri M. *Cultura y explosión*. Barcelona: Editora Gedisa, 1999.

_____. “La semiótica de la cultura y el concepto de texto.” *Entretextos*, nº 2, Granada, nov. 2003. Disponível em: <http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos.htm>. Acesso em: jan/2022.